

Análise do conteúdo de Música em Livros Didáticos escolares: um protocolo para livros de Arte

Comunicação

Andréia Schach Fey
Universidade Federal do Paraná (UFPR)
andreaiefey@ufpr.br

Guilherme Gabriel Ballande Romanelli
Universidade Federal do Paraná (UFPR)
guilhermeromanelli@ufpr.br

Resumo: Esta comunicação apresenta os resultados de uma análise do conteúdo de Música em livros didáticos de Arte distribuídos pelo PNLD para os Anos Finais do Ensino Fundamental por meio de um protocolo gráfico e a discussão qualitativa dos dados levantados. O objetivo da análise é identificar o espaço que o conteúdo de Música ocupa nos manuais didáticos distribuídos nas escolas e se seguem as orientações da BNCC, incluindo discussões sobre diversidade e inclusão de mulheres na Música. A metodologia consiste no desenvolvimento de um protocolo gráfico baseado nas quatro funções do livro didático apresentadas por Choppin (2004): referencial, instrumental, ideológica/cultural e documental. A coleção escolhida para análise quantitativa foi a coleção *Por toda parte* (Ferrari et al., 2018), mais distribuída no território brasileiro na edição do PNLD 2020, para o 6º, 7º, 8º e 9º ano. A análise mostrou que a Música ocupa 20% do conteúdo da coleção, com a predominância das dimensões do conhecimento de crítica e reflexão propostas pela BNCC, e baixa quantidade de propostas de criação e expressão musical. Além disso constatou-se, no geral, a sub-representatividade de mulheres compositoras e musicistas, porém, existem algumas propostas para discussões de diversidade étnica, incluindo mulheres negras e indígenas na história da Música. A criação do Protocolo *Style Choppin* permitiu quantificar a análise do conteúdo de Música presente na coleção didática, enriquecendo a discussão de análise qualitativa ancorada nas bibliografias.

Palavras-chave: Livros didáticos; Música na escola; Diversidade.

Introdução

A produção editorial de livros didáticos para o ensino de Música ganhou força nas últimas duas décadas, especialmente após o retorno oficial da Música aos currículos escolares (Lei 13.278, Brasil, 1996; Lei 11.769, Brasil, 2008; BNCC, Brasil, 2017). Como uma das Linguagens Artísticas que integram a disciplina de Arte, o conteúdo de Música também passou a compor as coleções didáticas distribuídas pelo Programa Nacional do Livro e do Material

Didático (PNLD), com distribuições dos primeiros livros didáticos do Ensino Médio em 2015, dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (4º e 5º anos) em 2016, e dos Anos Finais do Ensino Fundamental (6º a 9º anos) em 2017.

Nas pesquisas dedicadas à análise de livros didáticos para a Educação Musical, o livro organizado por Jusamara Souza (1997) intitulado *Livros de música para a escola: uma bibliografia comentada*, pode ser considerado um marco. De acordo com Guilherme Romanelli, a obra pioneira é resultado de um trabalho coletivo de levantamento e análise de livros didáticos, marcado pela profusão de referenciais teóricos, o que revela que, neste campo de investigação, existe uma diversidade de formas para compreender a Educação Musical. “Tal percepção permite indicar que o estudo dos livros didáticos para o ensino de música privilegia, já na sua base, uma forma interdisciplinar de trabalho científico” (Romanelli, 2020, p. 156).

A interdisciplinaridade inerente ao livro de Souza (1997) também é evidente nos manuais do PNLD e no ensino da Arte no Brasil, visto que a Música não tem *status* de disciplina nas escolas brasileiras, mas é um dos elementos que compõem o componente curricular Arte (Romanelli, 2020, p. 163), em diálogo com as demais linguagens artísticas: Artes Visuais, Dança e Teatro (as Artes Integradas acrescentam mais um eixo conforme a Base Nacional Comum Curricular - BNCC, Brasil, 2017).

As obras produzidas pelas editoras para participar do processo de escolha para compor a lista do PNLD precisam atender os critérios e a supervisão de uma equipe composta por especialistas de diferentes instituições brasileiras. O trabalho realizado pela equipe responsável pelo componente curricular Arte, inclui o desafio recente de aplicar um olhar interdisciplinar e de certa forma multidisciplinar sobre as coleções aprovadas, bem como elaborar os guias que orientam os/as docentes na escolha destas obras para serem recebidas na escola. O intuito de analisar os livros didáticos de Arte, proposto nesta comunicação, é mapear a organização das obras e apontar as contribuições que os livros podem dar aos professores de Arte, tendo como premissa de que bons referenciais didáticos, são um facilitador do seu trabalho pedagógico. Nesse campo analisa-se também o papel dos livros didáticos no trabalho docente do/a professor/a de Arte que não tem formação pedagógica em Música.

A partir das propostas de aprendizagens constantes na BNCC (Brasil, 2017), incluindo as competências, habilidades e os objetos de conhecimento a serem desenvolvidas no componente curricular Arte, esta proposta de análise tem como base o seguinte

questionamento: qual o espaço que o conteúdo de Música tem ocupado dentro de manuais didáticos distribuídos por meio do PNLD às escolas brasileiras?

Referencial Teórico

Para Augustin Escolano-Benito (2006), a Manualística é um campo de pesquisa dedicado às investigações relacionadas à produção, circulação e utilização de livros didáticos de contextos educacionais. O historiador francês Alain Choppin (2004) é um dos autores de referência dentro do campo. O livro didático é um objeto complexo da cultura escolar, um suporte de conteúdos educativos dentro de um sistema de valores, uma ideologia, uma cultura (Choppin, 1980, p. 1).

De acordo com Choppin (2004) os livros didáticos assumem quatro funções essenciais: referencial; instrumental; ideológica e cultural; e documental. A função referencial, também denominada curricular ou programática, tem relação com o papel que o manual ocupa no currículo, revelando as escolhas realizadas para compor o conhecimento previsto para uma determinada disciplina e ano escolar. A função instrumental é relativa aos métodos de aprendizagem selecionados, a forma de exposição do conteúdo, atividades, exercícios para melhor fixação, enfim, maneiras de tornar o conhecimento didático.

A função ideológica e cultural é a mais antiga das funções de acordo com Choppin (2004, p. 553), com o desenvolvimento “[...] dos principais sistemas educativos, o livro didático se firmou como um dos vetores essenciais da língua, da cultura e dos valores das classes dirigentes”. O manual didático é capaz de interferir na construção da identidade da sociedade, transmitindo conceitos de interesse da classe dominante. A função documental pressupõe que os manuais didáticos são uma coletânea de documentos, textuais e imagéticos, que extrapolam o próprio livro, pois podem ser interpretados e apropriados pelos usuários de formas muito particulares.

As pesquisas que envolvem análises de manuais didáticos destinados ao ensino de Música na escola são ainda recentes, visto que os livros distribuídos pelo PNLD não completaram nem uma década. Romanelli destaca que “[...] registram-se várias teses, dissertações e monografias que versam sobre essa temática, destacando-se polos de produção no Rio Grande do Sul, Paraná e Minas Gerais” (Romanelli, 2020, p. 156). As análises em sua maioria, são de análise de conteúdo, de caráter qualitativo, buscando identificar como o conteúdo de Música é apresentado nos livros didáticos.

Dentre as pesquisas de análise de livros didáticos no Brasil, existe uma preocupação com o androcentrismo, ou seja, a predominância de repertório masculino no ensino da Arte. Adriana Vaz (2009) foi pioneira no assunto no Paraná, analisando um livro didático de Arte do Ensino Médio, uma exposição no museu Oscar Niemeyer (MON) de 2008, e o projeto Arte na Escola, implementado em cursos de licenciatura em Arte. Nesses três espaços simbólicos, Vaz (2009) constatou escassez de artistas mulheres, se referindo especialmente às Artes Visuais. Constatação similar tiveram Margarida Gandara Rauen e Valdoni Ribeiro Batista (2017) da inclusão precária das mulheres no currículo de Artes Cênicas e Andréia Schach Fey (2022) que focalizou a análise da problemática do androcentrismo mais especificamente na Música, analisando os livros didáticos de uma coleção distribuída na primeira entrega do PNLD aos Anos Finais do Ensino Fundamental (utilizados entre 2017 e 2019).

Romanelli e Mauren Teuber (2019, p. 34) apresentaram na 15ª Conferência da Associação Internacional de Pesquisas em Livros didáticos e Mídias – IARTEM em 2019 uma proposta de um projeto de análise de conteúdo por meio de gráficos. Os pesquisadores adaptaram um modelo para estudar livros didáticos de Arte das ideias de Martínez-Valcárcel (2018), que as usou inicialmente para livros de história. Paula do Amaral Harada aplicou o “Protocolo Valcárcel Arte” em sua pesquisa de mestrado, e explica que “A proposta do protocolo é fornecer uma visão total do livro por um código de cores em uma planilha Excel. Fornecendo ainda, dados quantitativos a partir da contagem de frequência de ocorrência de cada item no livro todo” (2022, p. 83). A planilha especifica os recursos textuais, recursos iconográficos, recursos audiovisuais, atividades, articulações e a linguagem artística abordada, contabilizando esses dados página por página do manual.

A partir destas ideias adaptou-se um protocolo para a proposta das funções do livro didático sugeridas por Choppin (2004), a fim de compreender se o espaço que o conteúdo de Música ocupa nos livros didáticos do PNLD segue as orientações vigentes da BNCC, incluindo as importantes discussões de diversidade de gênero, defendidas por epistemologias feministas na atualidade.

Procedimentos Metodológicos

A partir da ideia quantitativa de visualizar uma análise do conteúdo musical presente nos livros didáticos de Arte, adaptou-se a proposta do “Protocolo Valcárcel Arte” para o que se nomeou de “Protocolo *Style Choppin*” (Figura 1). Utilizando como princípio as funções de

Figura 2: Recorte das habilidades propostas na BNCC para a linguagem da Música do 6° ao 9° ano

HABILIDADES
<p>(EF69AR16) Analisar criticamente, por meio da apreciação musical, usos e funções da música em seus contextos de produção e circulação, relacionando as práticas musicais às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética.</p> <p>(EF69AR17) Explorar e analisar, criticamente, diferentes meios e equipamentos culturais de circulação da música e do conhecimento musical.</p> <p>(EF69AR18) Reconhecer e apreciar o papel de músicos e grupos de música brasileiros e estrangeiros que contribuíram para o desenvolvimento de formas e gêneros musicais.</p> <p>(EF69AR19) Identificar e analisar diferentes estilos musicais, contextualizando-os no tempo e no espaço, de modo a aprimorar a capacidade de apreciação da estética musical.</p>
<p>(EF69AR20) Explorar e analisar elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de recursos tecnológicos (<i>games</i> e plataformas digitais), jogos, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musicais.</p>
<p>(EF69AR21) Explorar e analisar fontes e materiais sonoros em práticas de composição/criação, execução e apreciação musical, reconhecendo timbres e características de instrumentos musicais diversos.</p>
<p>(EF69AR22) Explorar e identificar diferentes formas de registro musical (notação musical tradicional, partituras criativas e procedimentos da música contemporânea), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual.</p>
<p>(EF69AR23) Explorar e criar improvisações, composições, arranjos, <i>jingles</i>, trilhas sonoras, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos acústicos ou eletrônicos, convencionais ou não convencionais, expressando ideias musicais de maneira individual, coletiva e colaborativa.</p>

Fonte: Brasil (2017, p. 209)

Para Choppin (2004) o livro didático põe em prática métodos de aprendizagem na função instrumental. No contexto brasileiro, as instruções normativas da BNCC, sugerem “[...] facilitar o processo de ensino e aprendizagem em Arte” (Brasil, 2017, p. 195), utilizando como referência as seis dimensões do conhecimento: Criação, Crítica, Estesia, Expressão, Fruição e Reflexão (Figura 3). Quantificamos os conteúdos de Música na planilha do protocolo observando essas dimensões para atribuir 1 quando presente numa página do livro e 0, quando ausente.

Figura 3: Recorte das dimensões do conhecimento propostas na BNCC para o ensino e aprendizagem em Arte

As dimensões são:

- **Criação:** refere-se ao fazer artístico, quando os sujeitos criam, produzem e constroem. Trata-se de uma atitude intencional e investigativa que confere materialidade estética a sentimentos, ideias, desejos e representações em processos, acontecimentos e produções artísticas individuais ou coletivas. Essa dimensão trata do apreender o que está em jogo durante o fazer artístico, processo permeado por tomadas de decisão, entraves, desafios, conflitos, negociações e inquietações.
- **Expressão:** refere-se às possibilidades de exteriorizar e manifestar as criações subjetivas por meio de procedimentos artísticos, tanto em âmbito individual quanto coletivo. Essa dimensão emerge da experiência artística com os elementos constitutivos de cada linguagem, dos seus vocabulários específicos e das suas materialidades.
- **Crítica:** refere-se às impressões que impulsionam os sujeitos em direção a novas compreensões do espaço em que vivem, com base no estabelecimento de relações, por meio do estudo e da pesquisa, entre as diversas experiências e manifestações artísticas e culturais vividas e conhecidas. Essa dimensão articula ação e pensamento propositivos, envolvendo aspectos estéticos, políticos, históricos, filosóficos, sociais, econômicos e culturais.
- **Fruição:** refere-se ao deleite, ao prazer, ao estranhamento e à abertura para se sensibilizar durante a participação em práticas artísticas e culturais. Essa dimensão implica disponibilidade dos sujeitos para a relação continuada com produções artísticas e culturais oriundas das mais diversas épocas, lugares e grupos sociais.
- **Estesia:** refere-se à experiência sensível dos sujeitos em relação ao espaço, ao tempo, ao som, à ação, às imagens, ao próprio corpo e aos diferentes materiais. Essa dimensão articula a sensibilidade e a percepção, tomadas como forma de conhecer a si mesmo, o outro e o mundo. Nela, o corpo em sua totalidade (emoção, percepção, intuição, sensibilidade e intelecto) é o protagonista da experiência.
- **Reflexão:** refere-se ao processo de construir argumentos e ponderações sobre as fruções, as experiências e os processos criativos, artísticos e culturais. É a atitude de perceber, analisar e interpretar as manifestações artísticas e culturais, seja como criador, seja como leitor.

Fonte: Brasil (2017, p. 195)

Na análise da Função Ideológica e Cultural (Choppin, 2004), optamos por um recorte ancorado na epistemologia do Feminismo Cultural e Interseccional (Lauretis, 1994; Perrot, 2007; Crenshaw, 2004) e pesquisas que valorizam a presença das mulheres na história da música (Baroncelli, 1987; Grow; Roth, 2023), contabilizando na planilha os nomes de musicistas e compositores/as mencionados/as. Quando encontrados artistas incluímos o número 1 ou maior, dependendo da quantidade mencionada na página do livro, e os nomes podem ser incluídos em coluna a direita da planilha (Figura 1). A identificação foi binária enquanto pautada em nomes masculinos e femininos. Embora estejamos cientes desta limitação, o teor dos livros não proporciona informações sobre possíveis identidades de gênero não binárias dos nomes mencionados.

Além de ampliar o enfoque na representatividade de mulheres na Música, incluímos uma análise de diversidade étnico-racial, considerando a relevância de temáticas de interseccionalidade, instituídas pela Lei nº 10.639¹ (Brasil, 2008), que versa sobre a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" no currículo oficial da Rede de Ensino e pela Lei nº 11.645 (Brasil, 2008) com o acréscimo da História dos Povos Indígenas².

¹ Essa lei foi instituída em 2003, alterando a 9.394 de 1996.

² Dentre as especificações da lei note-se que: "§ 2o Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras" (Brasil, 2008), compreendendo que no contexto, a disciplina de Arte utilizava a nomenclatura Educação Artística.

Vindo ao encontro desses marcos legais, utilizamos o critério de classificação adotado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em levantamentos feitos por autodeclaração. Assim, organizamos os nomes de musicistas e compositoras conforme as cinco categorias raciais do IBGE: branca, preta, amarela, parda e indígena³. Para além da explicação biográfica do próprio manual didático, buscamos dados de pertencimento étnico-racial das artistas na Internet. Uma coluna específica da planilha foi incluída para resultados do rastreamento de imagens, fotografias ou temáticas que poderiam suscitar discussões pertinentes à inclusão e diversidade cultural, num âmbito de gênero, étnico-racial, religioso ou de pessoas com deficiência.

Na análise pertinente à função documental (Choppin 2004), registramos documentos textuais ou icônicos da linguagem da Música: partituras musicais, letras de músicas, sugestões de áudios do CD que acompanham os manuais, sugestões de *links* de áudio ou vídeo da internet e imagens que remetam à instrumentos musicais, espetáculos, performances e/ou instalações relacionadas à Música. Compreende-se, no entanto, a complexidade desta análise, pois a indicação da presença deste conjunto de materiais só será aprofundada a partir de uma observação nas formas de uso, ou um detalhamento a partir de entrevistas, enfatizando esta questão na conversa com os(as) docentes e os estudantes que utilizam os livros.

Como forma de testar o Protocolo *Style Choppin*, foi realizada a análise da coleção *Por toda parte* (Ferrari et al., 2018), uma dentre as sete coleções distribuídas no PNLD 2020 para os Anos Finais do Ensino Fundamental (6° ao 9° anos)⁴, utilizada entre 2020 e 2023 nas escolas brasileiras. Optamos por esta coleção de Arte por ela ter sido, segundo estatísticas do Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação (FNDE), a mais distribuída no PNLD 2020.

A tabulação dos dados de análise no Protocolo *Style Choppin* fornece uma forma quantitativa de visualização do espaço e forma de abordagem dos conteúdos de Música presentes em manuais didáticos. No entanto, consideramos indispensável a integração dos dados com uma discussão qualitativa, por meio do método misto ou quali quantitativo, conforme definido por John W. Creswell (2010).

³ Mais detalhes sobre as categorias do IBGE disponíveis em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/642501/Manual_quesito_cor_raca_etnia_SF.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Na planilha essa classificação é incluída de maneira abreviada como “br” para cor branca, “pr” para preta, “am” para amarela, “pa” para parda e “ind” para indígena.

⁴ As demais coleções podem ser consultadas no Guia digital do PNLD 2020 disponíveis em: https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2020/componente-curricular/pnld2020-arte.

A seguir apresentam-se alguns resultados dos dados coletados na análise da coleção *Por toda parte* (Ferrari et al., 2018) com o Protocolo *Style Choppin*, organizados em forma de tabelas e gráficos, que serão simultaneamente discutidos com abordagem qualitativa.

Alguns resultados e discussões

Foram analisados os livros distribuídos como manual do/a professor/a da coleção *Por toda parte* (Ferrari et al., 2018) que apresentam um *layout* dos mesmos conteúdos do livro do/a estudante, acrescido das orientações em formato de U. Quanto ao espaço das linguagens artísticas propostas pela BNCC, os dados tabulados no Protocolo *Style Choppin* mostram a predominância da linguagem de Artes Visuais na Tabela I. A linguagem da Música tem espaço mais representativo no livro destinado ao 7º ano, totalizando 106 páginas de um total e 208. Em porcentagem, conforme pode ser visualizado na última linha da Tabela I, a linguagem que mais ocupa espaço na coleção didática é a de Artes Visuais com 35%, seguida das propostas de Artes Integradas com 25%, com a Música ocupando 20% dos conteúdos e por último, a Dança e o Teatro com apenas 10% de conteúdo nos livros.

Tabela I: Incidência das linguagens artísticas por páginas dos livros da coleção *Por toda parte* (Ferrari et al., 2018)

Coleção <i>Por toda parte</i>	Artes Visuais	Dança	Música	Teatro	Artes Integradas	Pág. no livro
6º ano	110	44	59	42	59	208
7º ano	99	29	106	39	59	208
8º ano	130	20	57	15	120	192
9º ano	109	37	30	24	82	192
Total	448	130	252	120	320	800
Total em porcentagem	35%	10%	20%	10%	25%	100%

Fonte: Autor/a (2024)

A BNCC não é clara quanto ao espaço que cada uma das linguagens artísticas deve ter nas aulas de Arte, mas explicita que “[...] as linguagens artísticas das Artes visuais, da Dança, da Música e do Teatro sejam consideradas em suas especificidades, as experiências e vivências dos sujeitos em sua relação com a Arte não acontecem de forma compartimentada ou estanque” (Brasil, 2017, p. 196). Entende-se que os manuais deveriam apresentar um espaço equivalente, visto que a BNCC considera cada uma das linguagens como uma unidade temática.

Os dados coletados pelo protocolo referente ao conteúdo programático proposto pela BNCC, foram organizados na Tabela 2. A habilidade com maior incidência foi a EF69AR19 (ver descrição na Figura 2), nas 252 páginas da coleção em que foi registrado conteúdo de Música, 167 possuem propostas de identificação e análise de estilos musicais por meio da apreciação. A habilidade menos contemplada foi a EF69AR23 (ver descrição na Figura 2), com apenas 43 páginas contendo propostas de exploração e criação musical.

Tabela 2: Incidência das habilidades propostas pela BNCC para Música na coleção *Por toda parte* (Ferrari et al., 2018)

Coleção Por toda parte	AR16 ¹	AR17	AR18	AR19	AR20	AR21	AR22	AR23	Pág. no livro ²
6° ano	19	8	28	28	10	17	11	6	59
7° ano	26	62	49	75	42	55	32	18	106
8° ano	23	41	35	40	41	56	32	16	57
9° ano	12	14	18	24	8	7	8	3	30
Total	80	125	130	167	101	135	83	43	252

Fonte: Autor/a (2024). ¹AR corresponde às habilidades propostas na BNCC, vide Figura 2. ²As páginas se referem apenas ao conteúdo de Música.

Referente à função instrumental, no qual foram analisadas a incidência das dimensões do conhecimento da BNCC: Crítica, Reflexão, Estesia, Fruição, Criação e Expressão, os resultados são apresentados na Tabela 3. A maior incidência é de conteúdos musicais envolvendo Crítica e Reflexão, em 205 das 252 páginas que contém conteúdo desta linguagem na coleção, enquanto as dimensões de Criação e Expressão, possuem apenas 47 páginas com propostas nos 4 livros da coleção.

Tabela 3: Incidência das dimensões do conhecimento propostas pela BNCC no conteúdo de Música da coleção *Por toda parte* (Ferrari et al., 2018)

Coleção Por toda parte	Crítica	Reflexão	Estesia	Fruição	Criação	Expressão	Pág. no livro ¹
6° ano	41	41	25	25	8	8	59
7° ano	86	86	46	46	20	20	106
8° ano	55	55	28	28	16	16	57
9° ano	23	23	10	10	3	3	30
Total	205	205	109	109	47	47	252

Fonte: Autor/a (2024). ¹As páginas se referem apenas ao conteúdo de Música.

A dissociação entre as dimensões é ancorada na Abordagem Triangular de Barbosa (2003), visto que Crítica e Reflexão transcrevem História da Arte; a Estesia e Fruição são a

Análise da obra de arte e a Criação e a Expressão são o Fazer artístico proposto pela educadora na década de 1980. Entende-se que é preciso haver um equilíbrio entre as três dimensões, que de acordo com a análise realizada, não acontece, predominando os conceitos teóricos musicais. Além da fragilidade das propostas de Criação e Expressão, as atividades contidas no manual não especificam como a atividade deve ser realizada, mas lançam uma proposta ampla como: “Ouça tudo que você e seus colegas pesquisaram e procurem criar arranjos, combinações, misturas artísticas” (Ferrari *et al.*, 2018, p. 96 – 6º ano). Este exemplo é de um processo de criação de Oficina “Misturando ritmos” musicais, em que as práticas são compreendidas com atividades de criar uma *playlist*, entrevistar músicos e o recorte mencionado (Figura 4).

Figura 4: Recorte da proposta de atividade prática do *Por toda parte* 6º ano



PROCESSO DE CRIAÇÃO

- **Oficina 1 – Misturando ritmos**

Para criar novos ritmos é interessante conhecer mais sobre a arte musical que existe em sua cidade. Que tradições artísticas e culturais acontecem por aí? É fundamental pesquisar sobre os ritmos tradicionais locais e os ritmos musicais que você e seus colegas gostam de ouvir. Depois, que tal misturar tudo isso? Veja algumas dicas:

 - Criar uma **playlist** com músicas que você e seus colegas curtem pode ajudar a escolher ritmos e gêneros musicais que podem fazer parte desse projeto de arte.
 - Entrevistar músicos populares locais, investigar quais ritmos são mais tocados em festas ou manifestações populares em sua cidade também pode ajudar a conhecer e criar. Faça registros sonoros desse rico acervo de música que está bem perto de você.
 - Ouça tudo que você e seus colegas pesquisaram e procurem criar arranjos, combinações, misturas artísticas.
 - Depois de fazer várias pesquisas e experimentações, vocês podem criar letras de música, poemas, imagens (desenhos, pinturas, grafite, esculturas etc.) e manifestar suas ideias. Vamos experimentar?

Fonte: *Por toda parte* (Ferrari *et al.*, 2018, p. 96 – 6º ano).

Da função ideológica/cultural (Choppin, 2004) contabilizou-se os nomes de musicistas e compositores(as) mencionados no conteúdo de cada um dos livros da coleção, sugeridos por meio propostas de escutas e nas autorias de letras de músicas. As quantidades foram organizadas na Tabela 4. Em todos os livros da coleção há a predominância de musicistas e

compositores de nome masculino, totalizando 86% do repertório, e apenas 14% das menções na coleção são de nomes de mulheres como compositoras ou musicistas.

Tabela 4: Menções de artistas da linguagem da Música, classificados por nome Feminino e Masculino na coleção *Por toda parte* (Ferrari et al., 2018)

Coleção <i>Por toda parte</i>	Femininos	Masculinos
6° ano	3	24
7° ano	11	38
8° ano	2	30
9° ano	3	29
Total	19	121
Total em porcentagem	14%	86%

Fonte: Autor/a (2024)

Referente à diversidade étnico-racial concluímos que dos 19 nomes femininos mencionados na coleção, 10 são musicistas ou compositoras de cor/raça branca, 5 pretas (sendo 1 dos nomes de um grupo de mulheres negras),⁵ 2 indígenas, 1 parda e 1 grupo de mulheres que representam a diversidade, trata-se do Grupo Mawaca, “[...] que pesquisa e recria a música das mais diversificadas partes do globo” (Ferrari et al., 2018, p. 163 – 7° ano). Apesar da predominância de artistas mulheres brancas, a coleção apresenta 78 oportunidades de abordar temas de discussão de diversidade e inclusão, tanto no aspecto inclusivo de cor/raça, como questão religiosa e de pessoa com deficiência, porém, nenhuma menção de artista considerado de raça/cor amarela foi localizada.⁶

A quarta e última etapa de coleta de dados no protocolo, referente à função documental dos manuais didáticos (Choppin, 2004), foi organizada na Tabela 5. Dentre as 18 partituras localizadas encontram na coleção tanto partituras de notação musical convencional como também partituras criativas, como sugeridas na BNCC. As letras de música são utilizadas tanto para abordar conteúdo especificamente musical, como realizar conexões com as outras linguagens artísticas. Nem todos os áudios que estão no CD que acompanham cada manual são mencionados no seu respectivo livro didático, como é o caso do CD do 6° ano que tem 26 faixas e apenas 20 conectadas com o manual e o CD do 9° ano com 19 faixas e 17 menções no manual. A coleção enriquece o conteúdo musical com sugestões de *links* nas abas do manual

⁵ Trata-se do Grupo Ilú Obá De Min apresentado na página 165 do livro *Por toda parte* do 6° ano.

⁶ De acordo com o IBGE a definição de amarelo é para as pessoas de origem japonesa, chinesa, coreana, etc (Gomes; Marli, 2018, p. 17).

do/a professor/a para apreciação e exemplifica o conteúdo de Música com imagens, especialmente no livro do 7º ano, com 138 imagens.

Tabela 5: Incidência dos documentos textuais ou icônicos presentes na coleção *Por toda parte* (Ferrari et al., 2018)

Coleção <i>Por toda parte</i>	Partitura	Letra de música	Áudio CD	Links Vídeo/áudio	Imagem	Pág. no livro ¹
6º ano	3	14	20	23	65	59
7º ano	18	16	30	27	138	106
8º ano	3	1	18	16	97	57
9º ano	0	0	17	8	45	30
Total	24	31	85	74	345	252

Fonte: Autor/a (2024). ¹As páginas se referem apenas ao conteúdo de Música.

Considerações Finais

A inclusão do conteúdo de Música em livros didáticos distribuídos pelo PNLD pode ser considerado uma conquista, visto que muitos/as docentes que atuam no componente curricular Arte não têm formação específica na área, e o livro didático se torna o principal suporte pedagógico. Reconhecer o aspecto interdisciplinar da Arte na escola é valorizar a Música como parte da expressão humana, que mesmo não sendo exclusiva nos currículos escolares, possibilita a construção de diversas conexões com as demais áreas do ensino.

A partir do Protocolo *Style Choppin* foi possível visualizar de maneira mais precisa o espaço que o conteúdo de Música ocupa dentro da coleção *Por toda parte* (Ferrari et al., 2018). Ainda que contemplando os critérios propostos pela BNCC, o protocolo mostrou a carência do Fazer Artístico que Barbosa (2003) sugere, justamente a abordagem que docentes sem formação na área da Música tem maior dificuldade para contemplar nas aulas de Arte.

Apesar da coleção analisada ter sido elaborada por autores graduados/pós-graduados nas quatro linguagens, o conteúdo ainda apresenta uma herança da antiga disciplina de Educação Artística e reflete a formação da maioria dos/as docentes em atuação, na área de Artes Visuais (Romanelli, 2020, p. 163). Os manuais da coleção poderiam equilibrar melhor a abordagem das linguagens artísticas, a fim de ser o instrutor dos/as professores/as, conforme sugere Escolano Benito (2009), nas linguagens que estes/as não têm formação inicial.

As discussões a respeito da presença e valorização de mulheres na Música já vem ocupando os editais do PNLD e seu espaço nos manuais didáticos, assim como temáticas de diversidade, incluindo indígenas e afrodescendentes. Os livros didáticos transcrevem

currículos escolares, por isso a importância de verificar o fortalecimento destas temáticas para as próximas edições do programa, pois auxiliam no processo de construção de uma sociedade mais democrática.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo. *Revista Digital Art&*, n. 00, out. 2003. Disponível em: www.revista.art.br/site-numero-00/artigos.htm . Acesso em: 28 jul. 2024.

BARONCELLI, Nilceia. *Mulheres compositoras: elenco e repertório*. São Paulo: Instituto Nacional do livro, 1987.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. MEC, Secretaria de Educação Básica: Brasília (DF), 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/> . Acesso em: 28 jul. 2024.

BRASIL. *Lei nº 10.639*, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira." Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10639.htm . Acesso em: 28 jul. 2024.

BRASIL. *Lei nº 11.645*, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática —História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm . Acesso em: 28 jul. 2024.

BRASIL. *Lei nº 11.769*, de 18 de agosto de 2008. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Altera o art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, dispendo sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm . Acesso em: 28 jul. 2024.

BRASIL. *Lei nº 13.278*, de 2 de maio de 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm . Acesso em: 28 jul. 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem. 2004. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf> . Acesso em: 09 ago. 2024.

CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Tradução de Magda Lopes. 3ª Edição. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CHOPPIN, Alain. *L'histoire des manuels scolaires. Une approche globale*. In: *Histoire de l'éducation*, n. 9, p. 1-25, 1980. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/hedu_0221-6280_1980_num_9_1_1017 . Acesso em: 09 out. 2024.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, p. 549-566, set/dez. 2004. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n3/a12v30n3.pdf>. Acesso em: 09 out. 2024.

ESCOLANO BENITO, Agustín. *Curriculum editado y sociedad del conocimiento: texto, multimedialidad y cultura de la escuela*. Valencia: Tirant lo Blanch, 2006.

ESCOLANO BENITO, Agustín. El manual escolar y la cultura profesional de los docentes. *Tendencias Pedagógicas*, v. 14, n. 1, p. 169-180, 2009.

FEY, Andréia Schach. *As Mulheres na Música: Propostas Inclusivas para Aulas de Arte*. I. ed. São Paulo: Todas as Musas, v. 1. 264 p., 2022.

GOMES, Irene; MARLI, Mônica. As cores da desigualdade. In: *Retratos: a revista do IBGE*. N. 11, Maio 2018, p. 14-19. Disponível em:

https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/17eac9b7a875c68c1b2d1a98c80414c9.pdf. Acesso em: 05 ago. 2024.

GROW, J.; ROTH, A. T. *Gender in den Fachdidaktiken ästhetischer Fächer: Forschung und Konzepte zu Unterricht und Lehrendenbildung*. Verlag Barbara Budrich, 2023.

HARADA, Paula do Amaral. *A avaliação de crianças e jovens sobre os livros didáticos utilizados no ensino da música na disciplina de arte*. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Música, Curitiba, 2022.

LAURETIS, Teresa de. A Tecnologia do Gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.) *Tendências e Impasses o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-241.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

RAUEN, Margarida Gandara; BATISTA, Valdoni Ribeiro. Ensino e Inclusão Curricular de Dramaturgas e Mulheres Artistas. In: ALVES, Lourdes Kaminski; MIRANDA, Célia Arns de (Orgs.). *Teatro e Ensino (I)*. GT Dramaturgia e Teatro da ANPOLL. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017, p. 91-106.

ROMANELLI, Guilherme G. B. Os Livros Didáticos e a educação musical brasileira. In: LIMA, Sonia Regina Albano de (Org.). *Ensino musical brasileiro: múltiplos olhares*. São Paulo: Musa Editora, 2020. p. 155-173.

ROMANELLI, Guilherme G. B.; TEUBER, Mauren. Chart protocol design for art textbook analysis. In: 15TH IARTEM CONFERENCE ON TEXTBOOKS AND EDUCATIONAL MEDIA. *Anais*. UCL, Odense: Denmark, 2019. p. 34.

SOUZA, Jusamara (Org.). *Livros de música para escola: uma bibliografia comentada*. Porto Alegre: PPGMúsica UFRGS, 1997.

VAZ, Adriana. Instituições Culturais: Gênero Narrativa e Memórias. *Revista Científica FAP*. Curitiba, v. 4, n. 1, p. 1-19, 2009. Disponível em:
<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1591/931> . Acesso em: 08 ago. 2024.